

Sem chances de aprender

Dos oito mil deficientes matriculados no ensino especial, muitos estão fora das escolas no Distrito Federal. Essas pessoas são escondidas por suas próprias famílias.

O problema do deficiente em idade escolar não é só o da falta de mesas ou de rampas. A chefe da seção de deficientes físicos e múltiplos da Fundação Escolar, psicóloga Vera Lúcia Moreira, explicou que quando se fala em deficiente, logo vem à cabeça a imagem de alguém numa cadeira de rodas e impedida de se relacionar com o mundo. "Essas pessoas precisam é de conhecimento escolar", afirma.

A solução do problema, segundo a psicóloga, estaria na aceitação do deficiente como um estudante normal na rede regular de ensino. Essa, aliás, é uma exigência da Declaração de Salamanca (na Espanha), que reuniu especialistas de todo o mundo, em 1994, para debater o assunto. O documento sugere que o deficiente seja tratado como normal e inserido na rede de ensino regular.

Mas para fazer cumprir o documento, duas barreiras precisariam ser quebradas, avalia

Vera Lúcia. "A primeira seria a da falta de estrutura das escolas, com a aquisição de equipamentos e investimentos na formação de profissionais especializados. A segunda, a mais grave, é a do preconceito", diz.

O preconceito, na maioria das vezes, parte dos adultos, dos pais dos alunos. "Uma criança vê uma criança deficiente como uma criança. Já os pais, não. Eles não querem que seus filhos sadios se misturem às crianças deficientes", denuncia a psicóloga.

Vera Lúcia Moreira denuncia também que, apesar dos oito mil deficientes matriculados no ensino especial, ainda há muitos fora da escola no Distrito Federal. Segundo ela, essas pessoas são escondidas por suas próprias famílias. "Nós sabemos que os deficientes em idade escolar não são apenas os que estão sendo atendidos", diz. O mais grave, na avaliação da psicóloga, é que o problema da falta de vagas nas escolas para deficientes tende a crescer no Distrito Federal.

Uma das causas pode estar ligada ao fato de que Brasília é apontada nacionalmente como uma cidade que detém bons centros médicos. "Muitas pessoas, de várias partes do país, vêm para cá em busca do tratamento de deficientes e acabam ficando por aqui. Isso reflete no ensino especial", diz.

A coordenação de ensino especial da Fundação Educacional propõe que as famílias que têm deficientes, procurem a instituição. Se houver suspeitas de que crianças têm problemas, segundo a psicóloga Vera Lúcia Moreira, a equipe de diagnósticos da coordenação deve ser acionada. Além dos deficientes, a Fundação Hospitalar enfrenta problemas com os estudantes superdotados. São pessoas acima da média, que acabam tendo problemas no

"O PODER PÚBLICO GARANTIRÁ ATENDIMENTO ESPECIALIZADO EM TODOS OS NÍVEIS AOS SUPERDOTADOS E AOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA, NA MEDIDA DO GRAU DA DEFICIÊNCIA DO INDIVÍDUO, INCLUSIVE COM PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO"

Artigo 232 da Lei Orgânica do Distrito Federal.

aprendizado porque a escola regular não lhe é suficiente e a escola excepcional acaba por inseri-lo n mundo dos deficientes.

"Lidar com deficiente é uma luta inglória, porque por mais que se faça, dificilmente se consegue corresponder a expectativa dos familiares completamente", afirma a psicóloga Vera Lúcia, que vem recebendo críticas ao trabalho da Fundação Educacional nesta área.

SERVIÇO

DIVISÃO DE ENSINO ESPECIAL DA FUNDAÇÃO HOSPITALAR

Endereço: 607 Norte - Telefone 348 - 5141
Equipe de Diagnósticos - Chefe: Neide Campos
Telefone: 348-5141
Geral: (Vera Moreira) - Telefone - 348-5139